



Participação da juventude de terreiro na promoção e no fortalecimento da agroecologia no Terreiro Xaxará de Prata, em Planaltina.

Youth participation in promotion and strengthening agroecology at Terreiro Xaxará de Prata, in Planaltina.

OLIVEIRA, Wdson Lyncon C

¹ IFB, wdson.unb@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Juventudes e agroecologia

Resumo: Este trabalho é resultado da análise sobre a participação da juventude de terreiro na promoção e no fortalecimento da agroecologia e de suas técnicas no Terreiro de Candomblé Ile Omo Orã Xaxará de Prata, em Planaltina, Distrito Federal. Essa análise se dá a partir da realização de um projeto cujo objetivo era proporcionar ações de transição agroecológica para terreiros promovido por estudantes do curso de agroecologia do Instituto Federal de Brasília. Contudo, cabe ressaltar que o objetivo aqui é refletir e analisar mais a participação da juventude, em suas contribuições, desafios e potencialidades, do que exatamente o projeto em si. Diante disso, tendo o objetivo do projeto como sendo identificar a sociobiodiversidade e traçar um plano de manejo eficiente com base nos conhecimentos e técnicas oriundas do próprio território é necessário destacar que foi necessário o envolvimento de boa parte da comunidade para a realização, o que levou a participação da juventude.

Palavras-Chave: agroecologia; juventude; terreiro; candomblé

Contexto

Um dos grandes desafios da atualidade para qualquer tradição ou cultura é mantê-la viva e conservar seus conhecimentos, técnicas, formas e estruturas sob o olhar do presente sem negar o passado de forma criar condições para a existência do futuro. De acordo com Held e McGrew (2001) parte deste desafio se dá por como a globalização se organizou e o que ela gerou; outra parte ainda, e talvez resultado da globalização, é por causa das constantes violências geradas pelas intolerâncias ou mesmo pelas explorações capitalistas e desmedidas do tempo, da força de trabalho e dos conhecimentos e técnicas. O que pouco se discute no âmbito das epistemologias e do desenvolvimento de estratégias é a dificuldade da continuidade das tradições por causa do esvaziamento destes espaços por parte da juventude. Isso tem sido cada vez mais recorrente nos terreiros, assim também nas igrejas, como aponta pesquisa do The Barna Group, e também nos assentamentos de reforma agrária, como aponta Santos (2006), e até nas instituições de ensino superior como aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgado em 2020 pelo IBGE. Basta verificar as taxas de evasão e compará-las ano a ano.

O ensino superior não entra na análise desse trabalho com o intuito de competir com as tradições culturais dos povos e comunidades quanto à sua estrutura, embora os dois sejam passíveis de formar, potencializar e proporcionar autonomia.



Na verdade ele pode ser um indicador interessante para pensar o que tem movido a evasão da juventude no ensino superior comparado aos indicadores de evasão dessa mesma juventude os espaços de promoção das tradições.

Antes de adentrar neste ponto é interessante destacar que esse trabalho é construído tendo como marco conceitual e epistemológico as tradições de matriz africana como estruturas vivas, mutáveis e transformadoras como nos lembra muito bem Bá (1982). Basta caminhar pela história das diásporas, como aponta Antonacci (2015), e pelas narrativas que apontam as estratégias de manutenção para permanência da tradição durante e depois da colonização e do período escravagista. Outro marco conceitual importante posto aqui é o de Povos Tradicionais de Matriz Africana, ou POTMA, como sendo a unidade do conjunto de povos que foram gerados neste processo histórico e que hoje ocupam, para referenciar geograficamente, o Brasil.

Como o objetivo desse trabalho não é analisar as ausências, mas as potencialidades geradas pela participação da juventude de terreiro na promoção da manutenção dessas comunidades, tendo como ponto de partida a gestão do espaço e a promoção de desenvolvimento sustentável para o território, o caminho aqui foi dado pelas ações que fortalecem a restauração e a preservação dos ecossistemas assim como também da sociobiodiversidade. O processo de ensino aprendizado é marcado pela perspectiva do sul – não é objetivo deste trabalho “nortear” os caminhos possíveis de análise, pelo contrário, há uma necessidade potente de reORientar a fala e o saber a partir do que D’Oliveira Campos (1991) chamou de suleamento, ou construir a partir das experiências do sul.

Esse trabalho é, portanto, fruto de uma experiência agroecológica realizada por estudantes jovens POTMA do curso de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, Campus Planaltina, no Território Tradicional Ile Ase Omo Orã – Xaxará de Prata, onde o objetivo inicial era identificar a sociobiodiversidade e traçar um plano de manejo eficiente com base nos conhecimentos e técnicas oriundas do próprio território. Posto isto, cabe ressaltar que a comunidade teve autonomia para direcionar as pessoas responsáveis por integrar e participar das oficinas, diálogos e trocas de saberes. E foi sob as perspectivas da agroecologia para o fortalecimento da comunidade que houve uma transfluência, aquela proposta por Santos (2015), nas trocas e participação eminente dos jovens desse território.

Embora sejam muitos os caminhos que foram possíveis percorrer com essa experiência, nos atentaremos aqui à participação da juventude do território nas ações que tiveram como finalidade a promoção de autonomia para a própria comunidade. Foi assim, trocando a vergonha pelo empoderamento, o diálogo rápido e formal pela conversa demorada e informal, sobretudo a partir das experiências concretas trazidas nas rodas, que surge uma grande troca de conhecimentos ganhando força e começando a girar. Cabe ressaltar que a autonomia não está apenas no campo da produção material, este que pode gerar acesso aos recursos físicos. Invoquemos o consagrado Paulo Freire (2004) e sua pedagogia da autonomia para compreender que ela também se dá no campo do intelecto, do pensamento, na construção das ideias. E é por este caminho que essa análise irá percorrer.



Descrição da Experiência

Na ocasião da experiência, os caminhos traçados e percorridos pelo território foram guiados por ferramentas participativas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), proposto por Verdejo (2006), e que ajudaram a compreender e identificar a sociobiodiversidade a partir do que Nogueira, Salgado e Nascimento Júnior (2005) propõe, que é a introdução e interação do homem com a biodiversidade. Neste sentido, essas ferramentas auxiliaram também nos diálogos com a juventude pelo formato que é proposto e pela dinâmica flexível aplicada, sobretudo porque o DRP fomenta a horizontalidade nos processos de ensino e de aprendizado.

Marcado por diálogos que foram desenvolvidos em roda e em formato de travessia e caminhada pelo território, o envolvimento ficou evidente, foi acontecendo na medida em que era compartilhado o saber de forma mais informal, reconhecendo neste um saber importante. E qual saber a juventude constrói, reproduz e produz ao longo de sua permanência num território tradicional de matriz africana? Ekedy Clayre, uma das jovens líderes da comunidade, dizia que “quando eu não sei, eu recorro a minha mãe, ela tem mais tempo nisso [na tradição] que eu. É ela quem me ensina”. E o que isso nos diz? As tradições de matriz africana são construídas por valores próprios, muitas vezes guiados pela ótica da ancestralidade, é o que é posto pelos/as mais velhos/as da tradição. O eu aprendendo e ensinando numa conjunção de saberes que se atravessam pela dinâmica da própria existência e de suas complexidades.

Toda manhã, durante o projeto, era comum ter um café da manhã promovido pelas pessoas envolvidas na experiência. Esse era o momento mais descontraído, onde era possível identificar melhor as dinâmicas dos jovens e promover diálogos mais informais. Entre uma “fofoca”, uma baixa - termo utilizado para se referir ao ensinamento que é dado a partir da correção apresentada sempre por uma pessoa mais velha e autoridade na tradição - e um ensinamento trocado entre os mais novos e os mais velhos, tinha sempre alguém trocando bençãos como “Motumbá” expressando uma resposta pelo ensinamento compartilhado. E quando a benção não chegava alguém aparecia falando “cadê a benção da mais velha?”. Diante disto, uma reflexão era feita entre os jovens sobre a benção e o lugar da juventude nesta hierarquia e qual o seu papel. Por que uma pessoa mais jovem toma a benção pelo saber compartilhado naquele momento? A benção é pelo saber ou pelo reconhecimento do acúmulo de conhecimento da pessoa mais velha?

Já na travessia, caminhando pelo território, nessa troca de saberes entre jovens e identificação das espécies vegetais, duas jovens recebiam constantemente de Mãe Sueli um tipo de alerta como “fiquem atentas, já vão aprendendo aí, vocês precisam saber disso tudo e já podem ir aprendendo aqui. O que não for pra ser aprendido agora, vai chegar no momento certo”. Aliado a isso, era possível ouvir das jovens algo como “nossa, eu tinha que tá anotando isso?”. Quando mãe Sueli ouvia, de forma descontraída, respondia com “menina, não é só pra anotar não. É pra anotar, repetir, pensar, organizar até você ficar craque”. Era, portanto, acionada a estratégia da repetição para que o saber fosse fixado, essa é uma camada da oralidade. E quais são as estratégias, a partir disso, que a juventude utiliza para aprender e sistematizar estes aprendizados? Nesse caso, foi reproduzindo o



ensinamento através do compartilhamento entre mais novas. O ensinar é algo elaborado e reproduzido por quem vai transmitir. Mas o aprender não pode ser elaborado da mesma forma e pela mesma pessoa. O aprendizado é um processo individual, mesmo quando em coletivo. Nesse sentido é importante pensar que as tradições de matriz africana no Brasil constroem uma ideia de comunidade considerando as individualidades e viabiliza que os processos de ensinamento e aprendizado confluem de acordo com o tempo do aprendiz. Sinal disso é a forma como os quilombos e terreiros foram constituídos e fortalecidos, sempre com pessoas oriundas de comunidades e povos diferentes compondo um conjunto de pessoas (comunidade). Há uma dimensão de comunidade que é potencializada pela individualidade que compõe o coletivo. Cada Orixá, Nkisi e Vodun é um e cada caminho de filho também é único. Nessa teia existe um consenso de que a comunidade precisa da individualidade de Ogum, por exemplo, que assume algumas responsabilidades diante das pessoas de determinada tradição. Assim também é organizada a dinâmica entre as pessoas, com os saberes, nas disputas e, sobretudo, na construção das agências individuais representativas no Xaxará de Prata.

Um caminho que contribuiu muito para essa reflexão foi a realização da oficina de construção de mapas da propriedade e dos recursos naturais. A percepção espacial da juventude era pensada a partir da relação com o sagrado e também pelos espaços de lazer e descanso. Ajoyê Clayre, em um dos momentos, enquanto desenhava a área de pomar do território, foi indagada sobre o fato de ter começado o desenho pelo pomar. Segura do que tinha em mente, disse “ah, é onde eu passo mais tempo, comendo as frutas e na sombra”. Há uma camada da ancestralidade e do que um território tradicional oferece que talvez não seja muito explorada. A camada da segurança, do acolhimento, do descanso é importante para a permanência da juventude. Esse lugar, diante dos embates que a juventude enfrenta dia após dia, é muito importante. Passível de oferecer qualidade de vida no âmbito das relações coletivas internas e externas, a juventude necessita de autonomia e espaço. Este espaço não é necessariamente físico; ele é também mental, intelectual e emocional, é sempre apresentado pelo próprio jovem.

Resultados

Este trabalho está estruturado para apresentar algumas considerações sobre a participação da juventude no âmbito do desenvolvimento e fortalecimento dos seus territórios, entendendo sobretudo que a manutenção da permanência desses jovens na comunidade é parte do que se tem como estratégia de fortalecimento e promoção da agroecologia. Não há dúvidas de que a juventude é uma potência, sobretudo porque ela é a esperança de renovação e permanência da tradição e do povo. Isto não deve parecer uma responsabilidade descabida, mas é, isso sim, um caminho de potencialidades que conseguem criar espaços diversos, plurais e democráticos. E afinal de contas qual é o agente que não transforma o espaço em que ocupa? E qual o agente que, incomodado, não questiona a partir de seu ponto de vista? Quais são os parâmetros utilizados na construção de um espaço que se propõe a acolher a juventude? Algumas perguntas que podem ajudar a



compreender a participação da juventude nos processos de transformação da tradição, mas que não têm pretensão de serem respondidas aqui.

É interessante notar que a hierarquia nas tradições de matriz africana não é algo que é simplesmente posto para criar ou fomentar uma dinâmica de poder, embora seja necessário trazer à luz que ela muitas vezes viabiliza um poder a quem ocupa postos de autoridade. Mas pelo contrário, ela é, sobretudo, uma forma de organização ancestral onde a ideia é reconhecer a importância e o acúmulo de saberes e experiências de quem veio antes e se esforçou para manter a tradição viva e ainda assegurar a manutenção e continuidade do saber. Nessa dinâmica, esquecemos que a ancestralidade também é fluida e constituída por pessoas no presente que se esforçam para viabilizar a manutenção dentro das dinâmicas contemporâneas. E talvez ainda precisemos compreender o papel da juventude nessa teia.

No processo formativo dentro desses territórios há uma camada que necessita de muita atenção, a da educação. Ela é o que pode viabilizar a permanência dos jovens de forma mais contundente e potente. Posto isso, quais são as estratégias de aprendizado e ensinamento que potencializam as experiências da juventude nos terreiros? E como essas estratégias dialogam com essa rede? Quais são os parâmetros utilizados para criar essas estratégias? Elas estão movidas pela tradição apenas sob a ótica do passado, ou construídas a partir do que também está posto pela realidade da juventude no presente? Refletir sobre isso pode ajudar a construir possibilidades mais concretas. É urgente a necessidade de promoção de espaços para estes debates e desenvolvimento de estratégias para que seja possível fortalecer a permanência dos jovens.

O pertencimento como ferramenta para construção de um espaço seguro e de acolhimento dos cansaços do enfrentamento diário tem importância de nota por expressar um ponto muito sensível: a necessidade de rede e a possibilidade de futuro para a juventude. É, portanto, necessário estreitar os caminhos e considerar os saberes da juventude na promoção da manutenção das tradições de matriz africana, assim como nas estratégias de fortalecimento e promoção da agroecologia.

Referências bibliográficas

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias Ancoradas em Corpos Negros*. São Paulo: **EDUC**, 2015.

D'OLNE CAMPOS, Marcio; "A Arte de Sulear-se" in *Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental*, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária, Teresa Cristina Scheiner (coord.), pp 59-61, 79-84, **TACNET Cultural UNI-RIO**, Rio de Janeiro, 1991.

FREIRE, Paulo . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: **Paz e Terra**, 2004.

HELD, David; MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da Globalização**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



NOGUEIRA, J. M.; SALGADO, G.; NASCIMENTO JUNIOR, A. Plano de Negócios, unidades de conservação e diversidade biológica: lógica empresarial como alternativa de gestão ambiental? In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 8., Rio de Janeiro, 2005. Anais [...], Rio de Janeiro: **EBAPE/FGV**, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombo: modos e significados**. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SANTOS, Fabiano Antonio dos. Trabalho e educação do campo: a evasão da juventude nos assentamentos de reforma agrária – o caso do Assentamento José. Dissertação (Mestrado). **Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, 2006.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático – DRP. Brasília: **MDA/ Secretaria de Agricultura Familiar**, 2006.